

**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NAS
REDES SOCIAIS EM CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID 19:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**SCIENTIFIC DISSEMINATION AND UNIVERSITY EXTENSION ON
SOCIAL NETWORKS IN THE CONTEXT OF THE COVID 19
PANDEMIC: REPORT OF AN EXPERIENCE**

**DIFUSIÓN CIENTÍFICA Y EXTENSIÓN UNIVERSITARIA EN REDES
SOCIALES EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA COVID 19:
RELATO DE UNA EXPERIENCIA**

Alex Mota dos Santos¹
Maurício Farias Couto

RESUMO

O objetivo deste artigo é relatar uma experiência de divulgação científica e da extensão universitária. A experiência foi realizada na forma de *lives*, através de um canal no YouTube®, no caso o Geotecnologias na Rede. A princípio, foram convidados pesquisadores e pesquisadoras que atuam em instituições públicas de ensino superior no país. Em seguida, foram realizadas as divulgações dos eventos. Solicitou-se aos estudantes que compartilhassem as *lives* com familiares e amigos, preferencialmente àqueles que não frequentam a universidade e posteriormente ocorreu a análise da satisfação dos participantes. Os resultados demonstraram que no momento síncrono das transmissões o público médio foi de 70 pessoas, contudo após sua realização, esse valor alcançou mais de 400 visualizações, ou seja, aumento de mais de 5 vezes após o momento síncrono. Isso revela que as ações continuam sendo prestigiadas e como ficaram gravadas, mais espectadores serão atingidos. A análise de satisfação evidenciou que 44,4% avaliou as atividades com nota máxima e 29,6% avaliou com nota nove.

Palavras-chave: Espaços de interatividade, extensão universitária, ambientes virtuais.

ABSTRACT

The purpose of this article is to report an experience of scientific dissemination and university extension. The experience was carried out in the form of *lives*, through a channel on YouTube®, in this case Geotecnologias na Rede. At first, researchers and researchers who work in public institutions of higher education in the country were invited. Then, the events were publicized. Students were asked to share their lives with family and friends, preferably those who do not

¹ Autor correspondente. E-mail: alex.geotecnologias@gmail.com.

attend university, and later the analysis of the participants' satisfaction took place. The results showed that at the synchronous moment of the transmissions the average audience was 70 people, however after its realization, this value reached more than 400 views, that is, an increase of more than 5 times after the synchronous moment. This reveals that the actions continue to be prestigious and how they were recorded, but spectators will be reached. The satisfaction analysis showed that 44.4% rated the activities with the highest score and 29.6% rated it with a score of nine.

Keywords: Interactivity spaces, university extension, virtual environments.

RESUMEN

El propósito de este artículo es reportar una experiencia de divulgación científica y extensión universitaria. La experiencia se llevó a cabo en forma de vidas, a través de un canal en YouTube®, en este caso Geotecnologias na Rede. En un primer momento se invitó a investigadores e investigadores que laboran en instituciones públicas de educación superior del país. Luego, se dieron a conocer los hechos. Se pidió a los estudiantes que compartieran su vida con familiares y amigos, preferiblemente con los que no asisten a la universidad, y posteriormente se realizó el análisis de la satisfacción de los participantes. Los resultados mostraron que en el momento sincrónico de las transmisiones la audiencia promedio fue de 70 personas, sin embargo luego de su realización, este valor alcanzó más de 400 visualizaciones, es decir, un incremento de más de 5 veces luego del momento sincrónico. Esto revela que las acciones siguen siendo prestigiosas y cómo fueron grabadas, pero se llegará a los espectadores. El análisis de satisfacción mostró que el 44,4% puntuó las actividades con la puntuación más alta y el 29,6% la puntuó con nueve.

Palabras clave: espacios de interactividad, extensión universitaria, entornos virtuales.

INTRODUÇÃO

O ato de divulgar ciência não é um fato/atividade recente, apesar de que em tempos hodiernos continuar a ser um desafio. No Brasil, a divulgação científica iniciou-se tardiamente quando comparado com a União Europeia e os Estados Unidos. Dar visibilidade aos avanços científicos, tem por objetivo garantir a interação entre sociedade e instituições que produzem ciência.

A divulgação científica é um desafio. Apesar de não recente (FRANÇA, 2015), tem como objetivo garantir a interação entre sociedade e instituições que produzem ciência. Para Silva (2018), a “divulgação científica é a forma de propagação informacional da ciência para o público, a divulgação é uma forma de [...] democratizar o acesso ao conhecimento científico e estabelecer condições para a chamada alfabetização científica” (BUENO, 2010, p. 1).

A divulgação da ciência pode ser realizada por meio da extensão universitária (SANTARELLI *et al.*, 2021), todavia, a extensão vai além disso, e “pode proporcionar uma troca de saberes acadêmicos e populares, o que possibilita o aprendizado de valores e o acesso à cultura de sua comunidade, bem como a divulgação do conhecimento científico” (SANTARELLI *et al.*, 2021, p. 2).

Moreira e Massarani (2002) apresentaram os aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. Para os autores, só após a década de 80 pode-se falar em uma divulgação científica digna desse nome. Além disso, as últimas três décadas têm sido um período particularmente rico em experiências de divulgação científica, embora o país ainda esteja longe de ter uma atividade ampla, e de qualidade neste domínio (MOREIRA; MASSARANI, 2002).

A mídia escrita/impressa, o rádio, a televisão foram importantes nessa empreitada (MOREIRA; MASSARANI, 2002), contudo, no período recente, no campo da comunicação científica, as redes sociais são importantíssimas na difusão da informação proveniente de investigadores e de instituições, facilitando a sua disseminação a um público muito vasto (SANCHEZ *et al.*, 2014).

Segundo Dong *et al.* (2020), a mídia social mudou a maneira como nos comunicamos. Desse modo, onde quer que você esteja no mundo, várias formas de mídia social estão sendo usadas por pessoas para compartilhar informações e se conectar sem fronteiras. A inclusão digital e a informação de qualidade se faz necessária ao cidadão para que ele adquira conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento, dando-lhe uma melhor qualidade de vida (SANTANA, 2020).

As redes sociais possuem uma relevância controversa, ao mesmo tempo que são importantes ferramentas de divulgação científica, também são utilizadas de forma indiscriminada pelo movimento anticientífico. Assim, um dos aspectos importantes na divulgação da ciência, é o combate à desinformação e notícias falsas. Nesse sentido, diversos são os exemplos de trabalhos que têm como foco a análise e divulgação científica para combater notícias falsas (SOUZA; BRANDÃO, 2020).

Bik e Goldstein (2013) alertam para o fato de que as mídias sociais tornaram mais popular a divulgação científica para diferentes públicos. A exemplo, os autores revelam que o Twitter ajudou acadêmicos ocupados a manter-se atualizado com os novos desenvolvimentos de pesquisa, preparar materiais de ensino e oferecer orientação para alunos de graduação (BIK; GOLDSTEIN, 2013).

Especialmente no contexto da Pandemia do Covid 19, as redes sociais assumiram papel fundamental para continuidade das atividades de ensino, de extensão e também de pesquisa. Como se viu, “a pandemia da COVID-19 fez com que instituições de ensino do mundo adotassem a modalidade de ensino remoto emergencial, para dar continuidade ao ano letivo” (RONDINI *et al.*, 2020, p. 41).

Nesse sentido, tornou-se comum ver pesquisadores e cientistas presentes nos meios de comunicação e também nas redes sociais (CARVALHO, 2020). Goulart (2020) criou e gerenciou contas em redes sociais para criar um canal direto de comunicação com a população de modo a valorizar a ciência internacional. A professora Jaqueline Rocha Borges dos Santos, do Departamento de Ciências Farmacêuticas (DCFAR) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi uma dessas pesquisadoras que tomou a iniciativa de levar o conhecimento farmacêutico para as redes sociais (SANTOS, 2021).

Santarelli *et al.* (2021) realizaram o projeto “Universidade na Rede”, que contemplou atividades de divulgação científica por meio de redes sociais (YouTube, Facebook e Instagram), que são ferramentas de fácil acesso para jovens e adultos. Além do exposto, as redes sociais desde sempre têm sido utilizadas também para veicular recomendações científicas sobre proteção individual e coletiva em períodos de crise em saúde pública (YAN; PEDRAZA MARTINEZ, 2019).

Segundo Santos e Oliveira (2021), é necessário “despir-se” do “pensamento de caixa”, ou seja, romper com os pensamentos que desassocia e isolam a extensão das práticas de ensino e pesquisa (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). O uso de tecnologias de informação pode contribuir para a difusão da ciência e tecnologia, principalmente a partir do uso de mídias sociais ou redes sociais (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

As redes sociais podem ser classificadas. Para Pisciotta (2006, p. 118), “As redes sociais formalmente organizadas em redes sociais pessoais e as redes sociais técnicas, implícitas, abertas, que estão estabelecidas independentemente da percepção de cada componente”. Ainda segundo a autora a rede do tipo ‘sócio-técnica’ é uma abordagem adequada para as relações gerais entre instituições técnicas e normativas, onde a normatização concatena com a sociedade, como é o caso da comunicação científica (PISCIOTTA, 2006).

Diante das constatações, o objetivo deste artigo é compartilhar uma experiência de divulgação científica e de extensão universitária através de uma rede social, no caso o Canal no YouTube®, Geotecnologias na Rede. O projeto de Extensão Geotecnologias na Rede foi criado

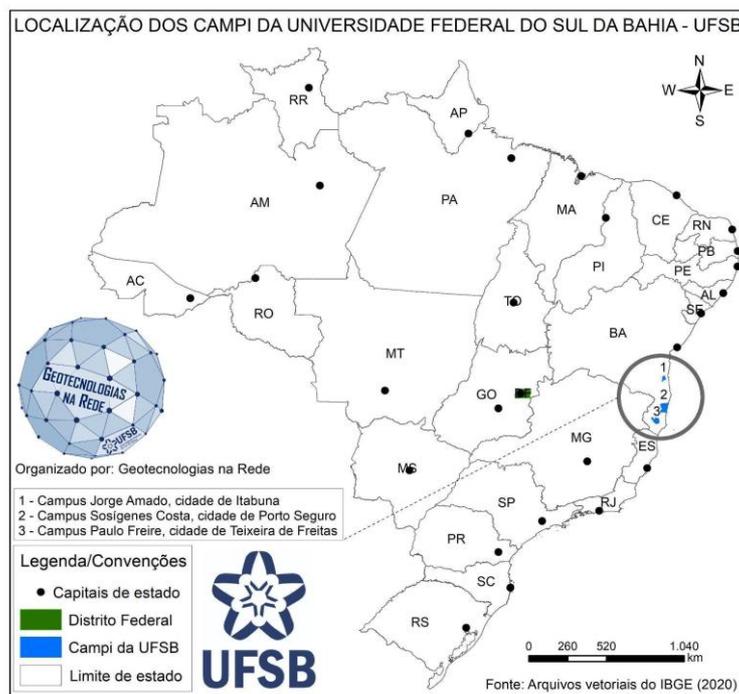
no ano de 2016, possui 3.420 inscritos. Segundo os idealizadores, o canal no YouTube publica conteúdos gerais em pesquisa acadêmica, cartografia, engenharias, processamento digital de imagens, topografia, aquisição de dados para aplicações em ciências exatas, aplicações em geologia, densidade demográfica, metodologias ativas de ensino, dentre outros (SANTOS; OLIVEIRA, 2021).

PERCURSO METODOLÓGICO

A experiência de ensino e extensão foi realizada no contexto da pandemia do Covid19, no âmbito do Componente Curricular (CC) "Campo das Ciências: saberes e práticas" ofertado na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). A UFSB é uma das universidades de criação mais recente no país. Em 16 de agosto de 2011 foi enviado ao Congresso Nacional o Projeto de Lei 2207/2011 que dispunha sobre a sua criação.

As aulas inaugurais da UFSB ocorreram em setembro de 2014, sendo no dia 08/09/2014, em Itabuna/BA dia 09/09/2014, em Porto Seguro/BA e dia 12/09/2014, em Teixeira de Freitas/BA (STOLZE, 2014). A criação recente é um motivador a mais para divulgação da própria instituição multicampi (Figura 1).

Figura 1. Localização dos campi da UFSB.



Fonte: Produção própria dos autores.

As atividades foram realizadas no âmbito do Componente Curricular (CC) "Campo das Ciências: saberes e práticas", que é ofertado no primeiro ciclo para os cursos interdisciplinares, os Bacharelados (BI), que darão uma formação generalista, polivalente para atuar em uma grande área de formação, e as Licenciaturas (LI) (UFSB, 2021).

A etapa de divulgação (Etapa 1) foi criada com apoio de voluntários e realizada pelo Instagram dos professores responsáveis pelas ações e no Instagram do Projeto de Extensão Geotecnologias na Rede. A realização das *lives* (Etapa 2) foi possível através da plataforma StreamYard® associada ao YouTube®². Essas ferramentas são importantes, especialmente devido a necessidade da adoção do modo remoto de comunicação, por causa da pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 (MESSA *et al.*, 2020). A interação dos espectadores com os palestrantes foi garantida pelo *chat* do YouTube®.

Na Etapa 3 foi realizada a avaliação das atividades. Segundo Nogueira (2013) a avaliação não é apenas um processo técnico, mas, antes de tudo, político. Além disso, configura “parte da rotina acadêmica, estabelecendo-se como um processo contínuo, qualitativo e quantitativo, que busque nortear políticas, redirecionar rumos e democratizar informações” (NOGUEIRA, 2013). Na avaliação das ações realizadas foram levados em consideração, dentre outros: os participantes, visibilidade da universidade e suas ações, indicadores de impacto, impacto na formação dos estudantes, geração de produtos e processos.

Para avaliação, foram elaborados seis questionários, quatro para computação da frequência dos espectadores, um questionário para análise do conhecimento acerca da extensão universitária e um questionário para análise da satisfação com todas as atividades, conforme descreveu Santarelli *et al.* (2021). Os questionários foram estruturados através da ferramenta Google Formulários. Outra avaliação foi realizada a partir dos relatórios analíticos gerais disponibilizados pela Google®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os momentos de interação virtual se deram através de debates sobre os temas: Divulgação do conhecimento científico: Por que é importante divulgar a Ciência?; Desafios e

² O projeto de extensão Geotecnologias na Rede dispõe um roteiro intitulado “Como fazer Live utilizando StreamYard” no link <https://www.youtube.com/watch?v=2lHHol-9CmY&t=252s>.

Perspectivas da Ciência no Brasil; Rede de cooperação para Sustentabilidade e A Extensão Universitária em Debate. Nesse sentido, foram convidadas três pesquisadoras de alto rendimento de três grandes regiões geográficas brasileiras diferentes (Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste) para falarem sobre ciência, sua importância e desafios (Figura 2).

Além das professoras, na última ação, realizada no dia 25 de outubro de 2021, duas estudantes de graduação do curso de Engenharia Agrônoma da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), também participaram dos debates. Assim, foi possível identificar discussões acaloradas entre palestrantes, estudantes matriculados no CC "Campo das Ciências: saberes e práticas" e espectadores, comunidade externa à UFSB e isso pode ser observado no projeto de extensão Geotecnologias na rede (SANTOS e OLIVEIRA, 2021) através do link <<https://www.youtube.com/channel/UCIDGktZdLQwnsoEggY0kGxw>>.

No que se refere a ciência, a Professora Dra. Talita Alvez, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) caracterizou o perfil de um cientista, que dentre outros, deve ser crítico, curioso e persistente. A Professora Rosane Rodrigues, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), apresentou o cenário de investimentos na ciência no Brasil, demonstrando impacto dos sucessivos cortes no orçamento da ciência e tecnologia brasileira e como pode comprometer pesquisas de ponta no país.

A professora Rafaella Felipe da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) falou da integração ensino, extensão e ciência. Como referido, a professora estava acompanhada de duas orientandas, que são estudantes regularmente matriculadas no curso de Agronomia da UFMT. A participação das estudantes foi fundamental para que as mesmas pudessem apresentar suas experiências e as motivações para atividades que realizam sob orientação da professora Rafaella Felipe.

Figura 2. Folders com os convites das *lives* realizadas

Fonte: Produção própria dos autores.

Além da discussão sobre ciência, foi convidado o Professor Alex Mota dos Santos, da UFSB, para falar sobre extensão universitária (Figura 3). A extensão foi abordada no contexto da obrigatoriedade da curricularização, conforme preconizada pela Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Segundo o artigo 4º da Resolução Nº 7, “As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (BRASIL, 2018).

Portanto, é assunto relevante para a toda a comunidade, externa e interna às universidades. Nesse sentido, segundo Betta *et al.* (2018), a exigência da curricularização movimentou as Instituições de Ensino Superior brasileiras, já que deve ser implementada até o ano de 2024, em todos os currículos dos cursos de graduação do país, de forma indissociável com o ensino e a pesquisa.

Figura 3. Folder convite para *live* extensão universitária em debate.



Fonte: Produção própria dos autores.

Os resultados dos acessos às *lives* estão contidos na Tabela 1. De modo geral, os acessos após o evento cresceram 5 vezes. Isso mostra que as *lives* continuaram sendo assistidas.

Tabela 1. Análise quantitativa dos acessos às *lives*.

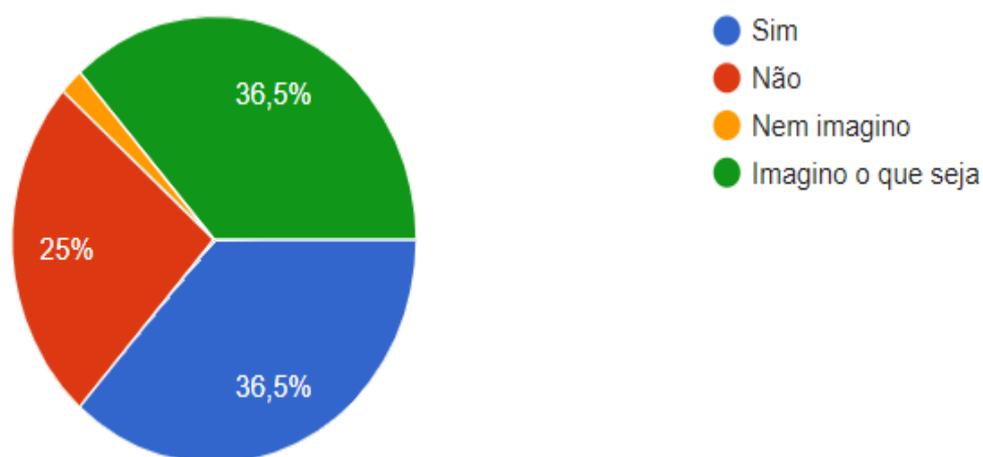
<i>Lives</i>	Número de espectadores síncrona	Espectadores internos (%)	Espectadores externos (%)	Visualização pós live*
Divulgação do conhecimento científico	73	98,6	1,4	421
Desafios e Perspectivas da Ciência no Brasil	70	98,6	1,4	368
Rede de cooperação para Sustentabilidade	100	97	3	307
A Extensão Universitária em Debate	65	96,9	3,1	364

*Dados para o dia 10 de novembro de 2021.

Assim, a avaliação das atividades foi inserida num processo que integrou as dimensões ensino e pesquisa, conforme preconiza Nogueira (2013). Para a PROEX-UFS (2020, p. 5) “O ato de avaliar é um elemento muito importante na obtenção de bons resultados traduzidos em crescimento e atendimento de metas”.

Sobre a compreensão do que venha a ser extensão, a maioria se mostrou conhecedores, 36,5% sim, conhecem e 36,5% responderam que imaginam o que seja extensão (Figura 4). Apesar disso, 25% responderam que não sabem o que é extensão universitária.

Figura 4. Resultado da avaliação do conhecimento sobre extensão universitária.



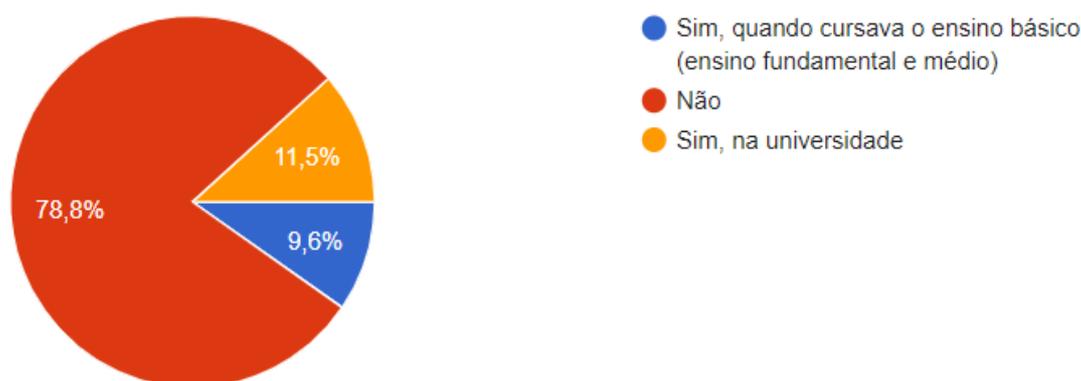
Fonte: Produção própria dos autores.

Perguntou-se ainda sobre a participação em ações de extensão (Figura 5). Nesse sentido, 78,8% responderam que não participaram. Apenas 9,6% responderam que participaram quando cursava o ensino básico (ensino fundamental e médio). Além disso, 11,5% responderam que participaram de ações de extensão na universidade. De modo geral, segundo Flores e Mello (2020), a participação em ações extensionistas impacta significativamente na formação acadêmica de estudantes. Para as autoras, ações de extensão oportuniza vivências e situações que não seriam possíveis somente em discussões teóricas da sala de aula, tornando-os mais críticos acerca da realidade e dos contextos locais (FLORES; MELLO, 2020).

A avaliação global das ações revelou que todos os respondentes estão matriculados no CC "Campo das Ciências: saberes e práticas". Nesse sentido, 44,4% avaliou as atividades com nota máxima 10 e 29,6% avaliou com nota nove. Flores e Mello (2020) revelaram que os

participantes foram unânimes (100%) ao responderem que consideram como positiva as vivências em ações de extensão.

Figura 5. Gráfico do resultado da avaliação da participação em ações de extensão universitária.



Fonte: Produção própria dos autores.

Sobre os temas mais relevantes veiculados nas *lives* destaques foram dados para a qualidade das palestrantes (57,5%) e o temas abordados (40,7%). Assim, a *live* mais lembrada pelos respondentes foi a “Divulgação do conhecimento científico. Por que é importante divulgar a Ciência”? Foi solicitado que os participantes deixassem suas críticas às ações realizadas. Desse modo, realizou-se recortes dos principais elogios, pois não se identificou-se críticas e apenas uma sugestão:

- *“Necessidade de mais palestras”*
- *“As livres se mostraram incríveis em conhecimento, vale ressaltar que por estarem no YouTube é de fácil acesso para assistir novamente”.*
- *“As lives foram bem elaboradas e com temas satisfatório e de grande conhecimento, pq temas muito bem abordados, um dos momentos mais marcantes foi a apresentação das aulas da UFMT que foi inspiradora”*
- *“Minha crítica é positiva. Todos os conteúdos apresentados por este CC: Campo das ciências: Saberes e práticas, foram de grande relevância para a construção de*

conhecimento e novos saberes, ao longo deste quadrimestre. Parabéns Professor pela didática apresentada”.

- *“Os temas tratados e os palestrantes são de alta qualidade e trouxeram um vasto conhecimento que me cativou e me fez verificar a fundo cada detalhe e projetos”.*

Da análise dos relatórios analíticos gerais, disponibilizados pela Google®, constatou-se que a *live* “Divulgação do conhecimento científico: Por que é importante divulgar a Ciência?” foi vista por 174 horas, a primeira realizada e a mais vista, teve origem predominantemente no Brasil, 75,8%; a idade predominante dos espectadores foi de 18 a 24 anos (82,2%) e predominou ainda espectadores do sexo feminino (66,0%). Outro aspecto foi que 73,0% dos espectadores não estava inscrito ao canal Geotecnologias na Rede. Isso revela um alcance fora da universidade.

A *live* “Desafios e Perspectivas da Ciência no Brasil”, atraiu espectadores por 151 horas, também predominou espectadores do Brasil (74,2%). As demais métricas foram semelhantes, no que se refere a idade, gênero e não inscritos no projeto de extensão. Sobre a *live* “A Extensão Universitária em Debate” foi assistida por 135 horas, outro aspecto que se difere dos demais foi o *status* da inscrição, em que observou o predomínio de participação de não inscritos, mas em menor proporção (51,7%). A última *live*, GAIA: Rede de cooperação para Sustentabilidade foi vista por 149 horas, 74,9% das visualizações foram oriundas do Brasil, todos os espectadores possuem idade entre 18 a 24 anos. Nesse encontro, a maioria também foram do gênero feminino, 79,3%.

De modo geral, as *lives* somaram o tempo de visualização de aproximadamente 5 horas, com tempo médio de 1 hora e 25 minutos. Apesar disso, o tempo médio de assistência foi de 1 hora e 37 minutos. A *live* que mais prendeu a atenção dos espectadores e por mais tempo, proporcionalmente, foi a “Desafios e Perspectivas da Ciência no Brasil”. Santos e Oliveira (2021) discutiram essa diferença entre o tempo dos vídeos, *lives* gravadas e do tempo de assistência. Para os autores, observou-se que os usuários não visualizavam todo o vídeo (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). Nesse sentido, Langworthy (2017) também afirma que as avaliações do YouTube® indicam que os vídeos mais curtos são mais frequentemente vistos, compartilhados e apreciados pelos espectadores do que os vídeos de seminários completos. Santos e Oliveira (2021, p. 120) afirmam que “esses dados também sugerem a “impaciência” dos usuários que desejam dados e informações de forma mais rápida”

Além do exposto, foram reportados espectadores em Portugal e Moçambique. Fato semelhante foi identificado por Santos e Oliveira (2021). Isso contribui para a internacionalização das discussões dos temas tratados nas *lives* e por consequência nos vídeos que ficam gravados.

Da forma de visualização, observou-se que, das 4 *lives*, apenas uma (“Desafios e Perspectivas da Ciência no Brasil”) foi vista pelo computador, as demais, predominantemente pelo *smartphone*. Para Possa *et al.* (2015, p. 13), os smartphones trazem o conceito de “celulares inteligentes”. Além disso, os aparelhos ganharam novos formatos, *designers* e, mais do que isso, uma nova interface e aplicativos diversos para permitir a interatividade entre as pessoas e o equipamento (POSSA *et al.*, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado ao longo deste texto, a realização das *lives* foi uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino presencial e uma tentativa de se adequar ao ensino remoto emergencial provocado pela pandemia da Covid 19. Os resultados revelaram que as *lives* foram bem recebidas pelos estudantes participantes. Além disso, a publicação no YouTube® garante a visualização mesmo após o evento, o que favorece a divulgação das ações da Universidade Federal do Sul da Bahia. Nesse sentido, as ações continuam sendo prestigiadas e como ficaram gravadas, mas expectadores serão atingidos. Essa possibilidade contribui para divulgação das ações da Universidade Federal do Sul da Bahia, de criação recente no país.

REFERÊNCIAS

BETTA, E. P. S. *et al.* **Curricularização da Extensão Universitária: da Teoria à Prática**. 1 ed. Brusque: UNIFEBE, 2018.

BIK, H. M.; GOLDSTEIN, M. C. An introduction to social media for scientists. **PLoS biology**, v. 11, n. 4, p. 15-35, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Relatório de atividades**. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 1993. 28 p.

- BUENO, W. C. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1-12, 2010.
- CARVALHO, J. Divulgação científica em tempos de pandemia. **Jornal Campus**, ed. 512, s.p., 2020.
- DONG, J. K. *et al.* Social media and the modern scientist: a research primer for low-and middle-income countries. **African Journal of Emergency Medicine**, v. 10, p. S120-S124, 2020.
- FRANÇA, A. A. **Divulgação científica no Brasil**: espaços de interatividade na Web. 2015 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.
- FLORES, L. F; MELLO, D. T. O impacto da extensão na formação discente, a experiência como prática formativa: Um estudo no contexto de um instituto federal no Rio Grande do Sul. **Revista Conexão UEPG**, v. 16, n. 1, p. 2014465, 2020.
- GOULART, J. T. *et al.* Ciência pelas mídias sociais no enfrentamento da COVID-19. **Participação**, Brasília, ed. esp., n. 34, p. 36-38, 2020.
- LANGWORTHY, S. Do You YouTube? The Power of Brief Educational Videos for Extension. **Journal of Extension**, vol. 55, n. 2, p. 1-4, 2017.
- MESSA, E. *et al.* Utilização das mídias sociais e a ferramenta StreamYard como alternativa para os webinários do programa de formação interdisciplinar. *In*: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. UNIPAMPA. **Anais [...]**. UNIPAMPA (Virtual), s.p. Disponível em: https://ei.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/22287/etp2_resumo_expandido_22287.pdf. Acesso em: 27 set. 2020.
- MOREIRA, I.C.; MASSARANI, L. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. *In*: MASSARANI, L.; MOREIRA, I.C.; BRITO, F. (Org.). **Ciência e público**: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência, 2002.
- NOGUEIRA, M. D. P. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. *In*: NOGUEIRA, S.R.M. **Avaliação da Extensão Universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão** Belo Horizonte: FORPROEX/CPAE, 2013.
- PISCIOTTA, K. Redes sociais: articulação com os pares e com a sociedade. *In*: POBLACIÓN, D. A.; WITTER, G. P.; SILVA, J. F. M. (Org.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores e avaliação**. São Paulo: Angellara, 2006.
- POSSA, A. D. *et al.* **Transliteracia na palma da mão**: o smartphone na educação do século XXI. 2015. 60 f. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade

de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://docplayer.com.br/14086124-Transliteracia-na-palma-da-mao-o-smartphone-naeducacao-do-seculo-xxi.html>. Acesso em: 04 abr. 2020.

PROEX-UFS. **Avaliação e acompanhamento institucional das atividades de extensão da Ufs**: procedimentos e instrumentos. São Cristóvão: UFS, 2020.

RONDINI, C. A.; PEDRO, K. M. SANTOS, C. D. Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: Mudanças na práxis docente. **Interfaces Científicas-Educação**, v. 10, n. 1, p. 41-57, 2020.

SANTANA, A.C. Ciência em minuto: um projeto interdisciplinar de divulgação científica nas redes sociais. *In*: CONGRESSO ONLINE DE ENGENHARIA DE MATERIAIS, 2., 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo (virtual), s.p. Disponível em: <https://cdn.congresse.me/7oogkhkfv1narw1hoti3fz3aim5w>. Acesso em: 27 set. 2020.

SANTOS, A. M.; OLIVEIRA, D.S. Geotecnologias na rede: experiência de extensão universitária através de uma rede social. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, p. 114-141, 2021.

SANTOS, J. R. B. Regional drug information center disseminates educational materials related to the COVID-19 pandemic. **Exploratory research in clinical and social pharmacy**, p. 80-100, 2021.

SANCHEZ, A.; GRANADO, A.; ANTUNES, J.L. **Redes Sociais para Cientistas**. 1 ed. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2014.

SANTARELLI, I. S. *et al.* Cientifi-CIDADE: estimulando a divulgação da Ciência por meio da extensão universitária. **Química Nova na Escola**, v. 43, p. 1-10, 2021.

SILVA, C. M. X. **A comunicação científica e o uso das mídias sociais**. 2018. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SOUZA, R.S.; BRANDÃO, R. A. Divulgação científica para combater notícias falsas sobre a COVID-19: um projeto de extensão do Instituto Federal da Bahia. **Science and Knowledge in Focus**, v. 3, n. 2, 2020.

STOLZE, G. Aula inaugural marca início das atividades da UFSB. **Impresananet.com**, Porto Seguro, 11 set. 2014, 05:26. Disponível em: <https://www.impresananet.com.br/noticias/porto-seguro/2533/aula-inaugural-marca-inicio-das-atividades-da-ufsb-em-porto-seguro-11-09-2014/>. Acesso em: 10 nov. 2021.

UFSBA. Universidade Federal do Sul da Bahia. **Ensino**. 2021. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/ensino/graduacao>. Acesso em: 10 nov. 2021.

YAN, L.; PEDRAZA-MARTINEZ, A. J. Social media for disaster management: operational

value of the social conversation. **Production and Operations Management**, v. 28, 2019.

Artigo recebido em: 02 de dezembro de 2021.

Artigo aprovado em: 07 de fevereiro de 2022.